Clique aqui ou utilize as setas do teclado para virar a página

Programa CanA IAC Informativo

Ribeirão Preto, São Paulo | dezembro 2016 | Ano 5 | Edição 13

Pág. 2

Instituto Agronômico assina parceria com a Biosev

Pág. 3

Condições climáticas desfavorecem safra 2016/2017 da cana

Cenários climáticos e a cana-de-açúcar são tema de palestra

Landell é agraciado com Prêmio Master Cana Brasil 2016

Pág. 4

"+Cana segunda onda" terá a participação de sete produtores

Curso teórico e prático de MPB treina 400 pessoas em três anos

Expediente

O Informativo Programa Cana IAC é uma publicação do Centro de Cana do Instituto Agronômico (IAC), de Campinas, órgão da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

Este veículo está sob responsabilidade editorial do Centro de Comunicação e Transferência do Conhecimento.

Edição: Carla Gomes (MTb 28156)

Textos: Carla Gomes e Fernanda Domiciano

Diagramação e distribuição: Fernanda Domiciano

Fotos: Arquivo Programa Cana IAC

Contato: (19) 2137-0616/0613
imprensa@apta.sp.gov.br

Tiragem: 2 mil

IAC realiza o maior censo de variedades de cana e constata elevada concentração de material em algumas regiões do Centro-Sul do Brasil

Censo varietal é divulgado em Reunião do Grupo Fitotécnico

O Programa Cana do Instituto Agronômico (IAC) realizou o maior censo de variedades de cana-de-açúcar do Brasil e apresentou os dados no dia 22 de novembro de 2016, no Centro de Cana IAC, em Ribeirão Preto, interior paulista, durante a reunião do Grupo Fitotécnico de Cana. O resultado mostra que, na área recenseada de 6,11 milhões de hectares na região Centro-Sul do Brasil, a variedade mais expressiva é a RB867515, lançada no final da década de 90 e desenvolvida, portanto, no período pré-mecanização de colheita e também de plantio. A variedade, desenvolvida pela Rede Interuniversitária para o Desenvolvimento do Setor Sucroenergético (Ridesa), ocupa 27% da área recenseada.

Este material atinge altas concentrações de cultivo em algumas regiões do Centro-Sul brasileiro, especialmente no Paraná e Mato Grosso do Sul. No Estado de São Paulo, a maior concentração da RB867515 está nas regiões Sul e Oeste. O agrupamento constatado pode representar alto risco biológico para os canaviais, pois em caso de ataque de uma doença, que venha atingir mais especificamente esta variedade, boa parte dos campos pode ser afetada, implicando em possível prejuízo econômico.

O Censo Varietal IAC, feito pelo Programa Cana IAC, que teve o pesquisador e estatístico Rubens Braga Jr na coordenação das ações, levantou também a intenção de plantio para 2017 em 517 mil hectares. O trabalho representa uma prestação de serviço ao setor sucroenergético brasileiro, possibilitando adoções de estratégias que ampliem, por exemplo, a segurança biológica em áreas canavieiras. O objetivo é mostrar os riscos fitossanitários existentes na concentração varietal e também estimular os produtores a adotarem novas tecnologias varietais de maneira mais dinâmica.

Na avaliação do pesquisador e líder do Programa Cana IAC, Marcos Guimarães de Andrade Landell, a boa notícia é que esta concentração cria uma situação de oportunidade para o setor, pois significa que um salto de produtividade está por vir, na medida em que variedades mais modernas e mais produtivas forem adotadas. "Trata-se de oportunidade para os programas de melhoramento", diz.

O censo mostrou também que conforme novas variedades estão sendo incorporadas, a RB867515 vem perdendo concentração, o que significa que a diversificação genética e materiais mais modernos estão entrando nos campos. A área plantada com a RB867515 apresenta queda de 11%. A segunda mais cultivada e colhida, a RB966928, também da Ridesa, reúne 9% da área no Centro-Sul e teve 4% do aumento do plantio durante o levantamento, feito pelo IAC de maio e novembro de 2016.

As regiões do Oeste Paulista, Paraná e Mato Grosso têm as maiores concentrações de variedades. Em Araçatuba, interior paulista, a RB867515 ocupa 35,9% dos 859 mil hectares recenseados. No Paraná, a concentração desta variedade é de 44,3% do total de 554 mil hectares. Dos 134 mil hectares avaliados no Mato Grosso, a região com maior concentração de cultivo, 49,8% desta área são plantados com a RB867515.

O papel do censo é provocar no setor sucroenergético a reflexão e a percepção sobre a própria situação — se ele está concentrando muito e criando risco biológico para todos os envolvidos. Para Landell, uma visão tradicionalista resulta no comportamento de plantar o que já vem sendo plantado.

Segundo o pesquisador, estudos indicam que as variedades mais modernas produzem cerca de 15 toneladas a mais, por hectare. "O produtor está perdendo oportunidade de incorporar uma variedade moderna; identificar opções para incrementar a produtividade significa caminhar em direção à cana de três dígitos", diz, referindo-se aos materiais que possam produzir a partir de 100 toneladas, por hectare, na média dos cinco primeiros cortes.

As regiões de Ribeirão Preto e Piracicaba, no interior paulista, apresentam maior diversidade genética em suas áreas de cultivo e o mesmo comportamento é previsto nestas localidades para 2017, nas novas áreas a serem instaladas.

Diversidade para o próximo plantio

Considerando o censo sobre a intenção de plantio para 2017, as áreas de Ribeirão Preto e Piracicaba, no interior paulista, e de Goiás têm boa condição de diversidade genética. Dos 51 mil hectares recenseados em Ribeirão Preto, a variedade CTC4, desenvolvida pelo Centro de Tecnologia Canavieira, deverá ocupar 10,8%, a RB855156, 10,4%, a RB966928, 10,1%, a IAC91-1099, 4,4% e a IACSP95- 5000, 2,8%.

Na análise de Landell, o fato de os dois municípios paulistas contarem com dois centros de pesquisa — respectivamente, o IAC e o CTC — acaba por influenciar no perfil dos canaviais. O interior paulista também conta com a Universidade Federal de São Carlos, ligada à Ridesa. "Os grandes centros de melhoramento impactam positivamente na adoção de novas variedades", diz.

Na intenção de plantio para 2017, em toda a região Centro Sul, a RB867515 se destaca com 16,6% das intenções. Este índice é menor do que em anos anteriores, quando chegou a 25%. A CTC4 tem 11,4% das intenções,

FECHAMENTO AUTORIZADO - PODE SER ABERTO PELA ECT.

a IACSP95- 5000 tem 2,7% e a IAC91-1099, 2,6%.

A IAC91-1099 tem 10,8% da intenção de plantio em Goiás, Mato Grosso e Tocantins; 4,4% em Ribeirão Preto e 4% em Minas Gerais e Espírito Santo. A IACSP95-5094 aparece na intenção de plantio em 3,6% da área de Jaú, interior paulista, e de 2,4% de Goiás, Mato Grosso e Tocantins. Considerando toda a área destes três estados, no total de 45 mil hectares, as intenções para 2017 são: 16,% para a RB867515, 16,2% para a CTC4 e 10,8% para a IAC91-1099, o que revela maior diversidade genética.

No Estado de São Paulo, a RB966928 aparece com 15,2% das intenções de plantio e a CTC4, 11,9%. A IACSP95-5000 tem 2,8% e a IAC91-1099, 1,9% das intenções. A IACSP95-5000 deverá ser plantada em 10,2% da área de Piracicaba e em 2,8%, na de Ribeirão Preto.

A queda na intenção de plantio da variedade mais plantada é explicada pelo aumento do interesse de cultivar materiais mais modernos. As variedades CTC tiveram incremento na intenção de plantio, que passou de 23,2% para 27,3%.

Variedades IAC apresentam aumento na intenção de plantio

As variedades IAC também apresentaram aumento na intenção de plantio, passando de 5,4%, em 2015/16, para 7,4%, em 2016/17. Isso significa um salto de 37% na intenção de plantio de variedades do Instituto Agronômico. Atualmente, 3% das variedades cultivadas no Centro Sul são IAC. "A inserção de materiais IAC é crescente, ano a ano. O Programa Cana IAC produz conceitos e variedades que estão contribuindo para as empresas terem outra visão da produção", diz Landell.

As variedades do IAC têm maior presença no Estado de Goiás, onde o Instituto tem forte atuação desde 1995. Segundo Landell, naquela década, havia poucas usinas goianas e estas acreditaram nas informações geradas pelo Programa Cana IAC. "Goiás adotou tecnologia peculiar para eles, é uma região aberta a novos sistemas".

Com base nas informações do Censo, o IAC avaliou as empresas participantes e ofereceu o Prêmio Excelência no uso de variedades de cana-de-açúcar no Centro-Sul. O Programa Cana IAC analisou dois indicadores: o Índice de Concentração Varietal (ICV) e o Índice de Atualização Varietal (IAV), que aponta se a variedade plantada é mais ou menos moderna. O primeiro lugar foi conquistado pela Usina Santa Maria do Grupo J.Pilon, de Cerquilho, interior paulista.

Adoção de novas variedades proporciona salto na produtividade

Dentre os três programas de melhoramento brasileiros (Ridesa, CTC e IAC), o Instituto Agronômico tem as variedades mais novas e foi o último a entrar efetivamente no mercado. Além disso, o IAC adota um sistema de trabalho que prioriza o melhoramento genético, mas não investe na etapa de transferência de mudas de novas variedades. Para essa difusão, o IAC conta muito com ações do setor.

Nos últimos dois anos, segundo Landell, o IAC está desenvolvendo outros projetos de planejamento para inserção das variedades e já há reflexo nas regiões que estão sendo trabalhadas. "O grupo Abengoa vai plantar 40% da sua área com materiais IAC e a Jalles Machado tem intenção de plantar 50%", diz.

De acordo com o pesquisador, o dado a ser considerado na escolha da variedade é a produtividade de açúcar por hectare, número que resulta do cálculo entre produtividade agrícola (tonelada/hectare) mais produção de açúcar. "Considerar somente o teor de sacarose é um erro", afirma.

Instituto Agronômico assina parceria com Biosev

As 11 unidades da empresa serão incorporadas à rede de seleção do Programa Cana IAC

O Programa Cana do Instituto Agronômico (IAC) assinou parceria com a empresa Biosev destinada ao desenvolvimento de cultivares de cana-de-açúcar para as principais regiões canavieiras do Brasil. A Biosev é a segunda maior processadora de cana-de-açúcar do mundo. A parceria prevê a participação de técnicos da Biosev em treinamentos e a instalação de uma rede de ensaios de competição de genótipos de cana-de-açúcar em unidades da Biosev em diferentes contextos agroclimáticos. A assinatura da parceria foi realizada em 7 de outubro de 2016, no Centro de Cana IAC.

A rede de experimentação do IAC é a maior do País, com dez sites de seleção. Com a parceria, serão incorporados mais 11 locais. "A incorporação de novos locais de avaliação de variedades em regiões com características distintas, como Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Nordeste, enriquecerá muito nossa rede de avaliação", afirma Marcos Guimarães de Andrade Landell, pesquisador e líder do Programa Cana IAC. As unidades da Biosev estão organizadas em cinco polos agroindustriais: Ribeirão Preto, Mato Grosso do Sul, Nordeste e Leme e Lagoa da Prata, que serão incorporados a rede de avaliação do IAC.

Para Landell, a parceria com a empresa será importante para geração e validação de tecnologias desenvolvidas pelo Instituto Agronômico. "Essa aproximação com a Biosev será importante para dar os rumos da pesquisa, pois a empresa poderá validar muitas de nossas tecnologias. Nossa base de dados será ampliada com a parceria", explica.

O presidente da Biosev, Rui Chammas, também comemorou a parceria. Para ele, a aproximação do Instituto Agronômico irá impulsionar ainda mais os resultados operacionais da empresa. "A produção de cana-de-açúcar tem vários elementos e a tecnologia e o conhecimento são uns deles. A empresa poder se apoiar de forma mais intensa no IAC é muito importante para melhor sustentabilidade da companhia e do negócio", afirma.

Chammas explicou que a Biosev tem relação com o Programa Cana IAC de longa data. As variedades do instituto ocupam, aproximadamente, 7% dos campos da empresa, com possibilidade de ampliação. "A Biosev planta muitas variedades do IAC com sucesso. O que estamos fazendo é aproximar ainda mais a organização do instituto para novos avanços", explica.

Parceria será importante para geração e validação de tecnologias IAC

Após a assinatura, a equipe da Biosev visitou as instalações de pesquisa do Programa Cana IAC, em Ribeirão Preto. Landell apresentou as pesquisas do IAC com cana energia, o Sistema de Mudas Pré-Brotadas, a Biofábrica e os trabalhos desenvolvidos com Organismos Geneticamente Modificados (OGM).

A Biosev é uma empresa do Grupo Louis Dreyfus, que iniciou sua atuação na indústria de açúcar-etanol em 2000, com a aquisição de sua primeira unidade no Brasil. Atualmente, tem capacidade de processamento de 36,4 milhões de toneladas/ano de cana-de-açúcar e 1.346 GWh/ano de energia elétrica renovável excedente, gerada a partir da utilização do bagaço da cana e outras biomassas. Para armazenagem e movimentação de açúcar, a empresa possui uma *joint venture* no TEAG – Terminal de Exportação de Açúcar do Guarujá Ltda. Em 2013, a empresa ingressou no Novo Mercado da BM&FBovespa, segmento que adota os mais altos padrões de governança corporativa.

Condições climáticas desfavorecem safra 2016/2017 da cana

As condições climáticas de 2016, comparadas com as do ano anterior, foram desfavoráveis para a canavicultura. Além de prejudicar o desenvolvimento da cultura, a inconstância do clima impacta a elaboração de planejamento agrícola, que é feito considerando as variáveis climáticas e os dados de anos anteriores. Os efeitos das variações climáticas são sentidos na redução da produtividade, que na safra 2016/2017 variou em torno de 7%, dependendo da região paulista. Por outro lado, a seca fez aumentar a concentração de sacarose. "Dependendo do grau do déficit hídrico, ele ajuda na sacarose, apesar de reduzir a produtividade", explica o pesquisador do Programa Cana IAC, Maximiliano Salles Scarpari.

A safra 2016/2017 ocorreu em condi ção mais seca do que a passada, quando as chuvas foram mais constantes. Nos meses de janeiro e fevereiro de 2016, houve excesso hídrico e menor insolação, o que causa prejuízo porque é o período em que a cana-de-açúcar está em desenvolvimento. Neste estágio, a cultura precisa de água, além de temperatura e insolação adequadas. "Em função das chuvas, a temperatura e a insolação ficaram baixas", explica Scarpari.

Nos dois primeiros meses de 2015, na região central do Estado de São Paulo, a insolação ficou em torno de 11 horas de brilho solar, por dia, dois pontos a mais do que em 2016. Já a temperatura máxima ficou três graus acima em 2015, comparando-a com a de 2016. "Essa temperatura menor prejudica o crescimento do canavial", explica.

Já em março e abril deste ano, faltou chuva. Além disso, abril foi um dos meses mais quentes de 2016, atingindo cerca de quatro graus a mais do que no mesmo período do ano anterior. Ou seja, o segundo bimestre reuniu déficit hídrico e temperatura elevada. Conclusão: a cana secou. "De janeiro até abril houve problemas climáticos", resume o pesquisador.

De maio a agosto, foi a vez de excesso hídrico, mas também ocorreu falta de chuvas. Scarpari relembra que em junho e julho choveu bem, prejudicando a maturação da cana e a colheita. Já entre final de julho e início de agosto secou, voltando a chover no final de agosto. Setembro secou novamente, condição que começou a mudar no final de outubro.

Por ser a cana uma cultura de ciclo longo e permanecer em campo o ano todo, ela sofre todas as intempéries climáticas. "Quando tem extremos climáticos dentro de um mês isso impacta muito a produtividade", afirma.

"A safra 2016/2017 foi de altos e baixos em termos climáticos, isso prejudica o planejamento porque não tem constância", resume o pesquisador.

Os dados climáticos são usados na elaboração do planejamento agrícola, que envolve desde as etapas de produção e o uso de maquinários até a venda do açúcar. A comercialização antecipada da safra requer maior segurança na estimativa da produção. Daí a importância de adotar projeções acertadas, que levem a planejamentos confiáveis.

Quando os extremos do clima causam surpresas, são prejudicadas as modelagens, baseadas em dados do clima e, consequentemente, são impactados os planejamentos feitos nas propriedades rurais. "Quando há constância climática, a produtividade fica dentro da meta. Nós modelamos dados numéricos e projetamos para a próxima safra, construindo um cenário do clima", afirma.

As projeções são feitas em janeiro, considerando o que deverá ocorrer no meio e no final da safra. "Quando o cenário climático foge da previsão, ele prejudica o planejamento". Os acertos dessas projeções são em torno de 98%, segundo o pesquisador.

Áreas com tons de verde indicam produtividades estimadas na faixa de 100 a 123 ton, para áreas de cana planta e segundo corte. Áreas com tons de laranja representam produtividades na faixa de 60 a 90 ton, para canas de terceiro e quarto corte. Áreas com tons de vermelho indicam produtividades abaixo de 60 ton, para cana de quinto e demais cortes. "Estas áreas exigem especial atenção por problemas no stand ou mesmo relacionados ao manejo; dependendo da distância desta área produtiva até a unidade de moagem, ela não se sustenta economicamente e medidas de reforma ou replantio devem ser tomadas", explica.

Cenários climáticos e a cana-de-açúcar são tema de palestra

As projeções climáticas e a cultura da cana-de-açúcar foram tema da palestra do pesquisador do Instituto Agronômico (IAC), Orivaldo Brunini, na 5ª Reunião do Grupo Fitotécnico da Cana-de-açúcar, no dia 30 de agosto de 2016, no Centro de Cana do IAC, em Ribeirão Preto, interior paulista. Durante a palestra, o pesquisador anunciou a mais recente tecnologia desenvolvida pelo IAC na área de agrometeorologia — um novo mapa de estimativa da umidade média do solo, que traz informações levantadas desde 1973. As informações estão disponibilizadas no www.ciiagro.sp.gov.br. A cana-de-açúcar está no grupo de culturas consideradas tolerantes a solos com baixa umidade.

De acordo com o pesquisador, o mapa reúne informações que revelam a condição de umidade do solo e se esta é favorável ou não para as culturas. O estudo foi organizado considerando três grandes grupos de culturas, classificadas de acordo com a suscetibilidade ao déficit hídrico. Além da cana, outras espécies como soja, citros, café e algumas frutíferas, como o abacate, que apresentam sistema radicular mais profundo, são mais tolerantes à baixa umidade do solo.

O pesquisador destacou que com as novas variedades de cana as condições térmicas para o desenvolvimento da cultura têm maior amplitude. Por isso a relevância de o setor adotar as mais recentes variedades geradas pela pesquisa paulista. Brunini comentou sobre as características microclimáticas da cana, incluindo condições inadequadas, como seca, excedente hídrico, baixa temperatura e falta de chuva no período de crescimento. Os estudos feitos pelo IAC apontam as restrições bioclimáticas em todas as regiões abrangidas pelo Programa Cana IAC.

As características dos solos são avaliadas em conjunto com dados sobre chuva, temperatura e umidade relativa do ar. Brunini destacou a importância de elaborar projeções considerando essas informações sobre clima e solo, contextualizando os prognósticos de acordo com a fase em que se encontra a cultura.

Segundo o pesquisador, é possível quantificar o efeito da chuva sobre a cana em função do tipo de solo existente na localidade, considerando, por exemplo, se ele apresenta elevada retenção de água ou não. O conhecimento dessas informações viabiliza a projeção sobre o que pode ocorrer de acordo com a precipitação e a evapotranspiração superficial. "As projeções climáticas são feitas até 180 dias, traçando qual será o prognóstico, considerando chuvas e temperatura e quantificando seus efeitos de acordo com o solo, para assim fazer simulações", explica.

O pesquisador alerta que ao fazer a análise do clima deve-se considerar o estágio da cultura — se ela está em repouso, desenvolvimento ou colheita. Dependendo do período, o impacto climático poderá ser positivo, negativo ou nulo. Por exemplo, o excesso de umidade pode ocasionar doenças ou problemas na colheita.

No caso da canavicultura, esses dados são usados também para avaliar qual espécie poderá ser adotada na renovação do canavial, de acordo com o cenário climático.

"Qual o reflexo de aumento de dois graus e de acréscimo de 20% de precipitação na estação de crescimento da cana, nos meses de outubro a março? Mesmo com cenário de aquecimento de quatro graus e acréscimo de precipitação não há restrição para a cultura da cana", afirma. Porém, se ocorrer redução da chuva haverá efeito marcante no desenvolvimento da cultura.

Com as informações, é possível fazer um prognóstico para os próximos 90 dias. "Todo começo de trimestre, dá para incorporar os dados no balanço hídrico e calcular as condições hídricas futuras para o sistema", diz. Ao adotar os dados médios, por exemplo, por região, é viável projetar qual será o efeito na disponibilidade hídrica e no armazenamento de água no solo sobre a cultura. "Faz-se um planejamento conhecendo os processos de previsão e prognósticos de tempo feitos pelos institutos competentes, como o Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais)", afirma.

Landell é agraciado com o Prêmio Master Cana Brasil 2016

O pesquisador e líder do Programa Cana IAC, Marcos Guimarães de Andrade Landell, recebeu o Prêmio Master Cana Brasil 2016, na categoria Os Mais Influentes do Setor 2016. A cerimônia de premiação foi realizada no dia 19 de outubro, em São Paulo, Capital. O pesquisador já havia conquistado este mesmo reconhecimento em 2013. O secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Arnaldo Jardim, também foi agraciado.

"Nossos resultados são fruto de uma equipe de excelência como a do Programa Cana IAC. Por isso divido este mérito com cada integrante deste grupo que me acompanha. Juntos, representamos o IAC pelo Brasil inteiro", afirma.

“+Cana segunda onda” terá a participação de sete produtores

De sucesso em sucesso, mais produtores rurais têm acesso às tecnologias desenvolvidas pelo Programa Cana do Instituto Agronômico (IAC). Os bons resultados da primeira fase do +Cana levaram ao lançamento da segunda etapa do projeto, com a seleção de sete novos produtores. O +Cana é uma iniciativa do Programa Cana IAC, Cooperativa Agroindustrial (Coplana) e da Associação dos Fornecedores de Cana de Guariba (Socicana), entidades que lançaram este programa com o objetivo de treinar canavicultores para o uso do Sistema de Mudas Pré-Brotadas (MPB), desenvolvido pelo IAC. Em novembro de 2016, a Coplana foi agraciada com o Prêmio SOMOSCOOP, de abrangência nacional, na categoria Inovação e Tecnologia, com o projeto + Cana.

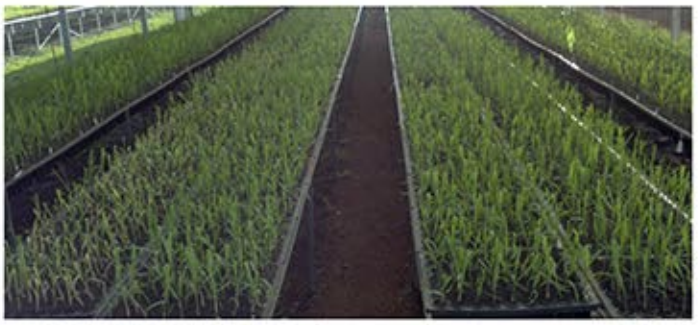
A segunda edição do programa de transferência da tecnologia é chamada “+Cana segunda onda”. Para esta etapa foram selecionados sete novos polos produtores de Guariba, Jaboticabal, Taquaritinga, Batatais, Novo Horizonte, Arealva e Cravinhos. Todos os selecionados são associados à Coplana. Os produtores aprenderão sobre o Sistema MPB para produzirem as próprias mudas de cana. “A ideia é que eles recuperem a autonomia da produção. O objetivo é resgatar a gestão de todas as etapas do processo de produção de mudas. Isso deu muito certo na primeira etapa do projeto”, afirma Mauro Alexandre Xavier, pesquisador do Programa Cana IAC.

O projeto prevê a produção de mudas IAC por parte dos canavicultores para que eles conheçam a estrutura e adquiram experiência na instalação do núcleo de produção de MPB, por meio de treinamento mais aprofundado no sistema. “Vamos transferir tecnologias e conhecimento para o produtor ser protagonista nas etapas do processo de produção de mudas. Com isso, eles terão ganhos por adotarem de forma mais rápida novas variedades de cana-de-açúcar”, explica Xavier.

Os participantes do projeto terão acesso a três variedades desenvolvidas pelo IAC para modernizar seus canaviais. A adoção de novas variedades e tecnologias é fundamental, segundo pesquisadores do IAC, para se alcançar a chamada produtividade de três dígitos, ou seja, acima de 100 toneladas de cana por hectare. Atualmente, a média de produção dos campos paulistas é de 85 t/ha, nos cinco primeiros cortes.

Para José Antonio Rossato Junior, presidente da Coplana, o +Cana traz um novo olhar para cultura. “Estamos sendo a ponte entre o IAC e o produtor, ao trazer esta tecnologia de menor custo e de aumento de produtividade e de competitividade do produtor rural”, afirma.

Bruno Rangel Geraldo Martins, presidente da Socicana, enfatizou a aproximação entre produtor e instituto de pesquisa. “Esta era uma carência muito grande, em um cenário em que o produtor ficava isolado, sem acesso a novas tecnologias. Por meio da Socicana e Coplana, este trabalho abre as portas das instituições para que o produtor possa melhorar sua gestão e aumentar a sua produtividade”, explica.



Ideia é que os canavicultores sejam protagonistas do processo produtivo

Resultados da primeira etapa

Além da transferência de tecnologia, o projeto foi importante para validação da tecnologia MPB pelos usuários. Os resultados mostram taxa de multiplicação do sistema de 1:77. Isso significa que 100 metros de mudas originaram 7.700 metros multiplicados a partir do MPB.

De acordo com Xavier, a taxa de multiplicação, uma das metas do projeto, foi quantificada de março a junho de 2016 e os resultados confirmaram as expectativas. “Na forma tradicional de plantio de cana, a multiplicação tem sido de 1:5. Isto é, ao plantar 100 metros, o produtor alcança 500 metros de mudas”, explica Xavier.

A primeira fase do projeto também possibilitou a introdução de quatro novas variedades IAC nos polos de produção, a capacitação dos agricultores e a redução de custos de produção das mudas, em relação ao preço encontrado no mercado.

“Após a validação, é natural que o trabalho seja replicado para outros associados. A tendência é que se expanda”, diz Xavier. O pesquisador esclarece que não há nenhuma restrição em levar o sistema MPB para outros grupos de produtores, além dos já envolvidos por meio da Coplana e Socicana. Há solicitações de diversos grupos para o estabelecimento de parcerias.

Curso teórico e prático de MPB treina 400 pessoas em três anos

Cerca de 400 pessoas já foram treinadas em dez edições do Curso teórico e prático de formação de mudas pré-brotadas, de acordo com o Sistema de Mudas Pré-Brotadas (MPB). O curso é realizado pelo Programa Cana do Instituto Agronômico (IAC), em Ribeirão Preto, desde 2013, com o objetivo de oferecer uma visão ampla sobre produção de mudas e a canavicultura.

De acordo com Mauro Alexandre Xavier, pesquisador do Programa Cana IAC e coordenador do curso, a ideia é que os participantes aprendam não apenas a produzir mudas pré-brotadas, mas tenham conhecimento de diversas áreas importantes para o sucesso da canavicultura.

“Nesses três anos, participaram dos cursos produtores de cana, viveiristas, profissionais de outros programas de melhoramento genético, representantes das usinas de cana-de-açúcar, como, por exemplo, o grupo Raízen, Biosev, Vale do Verdão, Aroeira, Abengoa, São Martinho, Jalles Machado, Miriri, Zilor, Ferrari, Bunge. Isso mostra a importância do MPB e seus desdobramentos”, explica Xavier.

O treinamento tem duração de dois dias e envolve teoria e prática. “Durante a atividade teórica do curso, os participantes aprendem sobre fisiologia, pragas e doenças, aplicação de herbicidas, nutrição e irrigação. Na parte prática, eles conhecem todas as etapas do processo de produção de MPB, conseguindo reproduzi-las em sua propriedade ou em seu trabalho”, afirma.

Objetivo do curso é oferecer uma visão ampla sobre o MPB e a canavicultura

Filipe José Almeida Arruda, coordenador de tecnologia agrícola do grupo Raízen.

“Nosso interesse é alavancar produtividade. Estamos nessa curva de aprendizagem e participar do treinamento é uma maneira de acelerar esse processo. Como o IAC já tem a tecnologia, a contribuição do curso é imensa no sentindo de facilitar a aprendizado. O curso foi excelente e abordou alguns itens essenciais, como o conceito de irrigação. Parte importante do MPB é a estrutura de irrigação, que considero a mais fundamental. Tivemos aqui também a oportunidade de obter respostas sobre algumas dúvidas a respeito da tecnologia.”

Beatriz Marino Pio, produtora de cana de Marapoama, São Paulo.

“O curso foi muito enriquecedor para a gente. Começamos o processo de produção de MPB este ano e já fizemos um plantio com as mudas. Conhecemos a técnica por meio de um colega, que fez este curso. Depois disso, conhecemos um núcleo de produção de MPB da Orplana e foi muito legal. Acho que conhecer o núcleo foi determinante para eu vir aprender mais sobre o sistema. Ficamos encantados com a visita. É muito bonito de se ver. Nossa expectativa é fazer MPB para o nosso consumo, mas porque não comercializar?”

IAC
apta Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios
GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria de Agricultura e Abastecimento